



9ª Jornada Científica e Tecnológica do IFSULDEMINAS

6º Simpósio da Pós-Graduação

ISSN 2319-0124

ALTERIDADE E IDENTIDADE: a representação dos mouros em “Os Lusíadas”, de Luís de Camões

Daniel A. ALVES¹; Carlos T. SIEPIERSKI²

RESUMO

O século XVI, marco das grandes navegações, proporcionou aos portugueses a intensificação do contato com o “Outro”, traduzido em outros povos e culturas. Neste período, como registro das aventuras dos viajantes quinhentistas por “mares nunca de antes navegados”, ganham espaço as chamadas narrativas de viagem, sendo “Os Lusíadas” (1572), de Luís Vaz de Camões, um de seus expoentes. Os 8816 versos do poema trazem a primeira viagem de Vasco da Gama à Índia, com muitas referências aos “Outros”, como mouros, africanos e indianos. Este trabalho objetiva analisar, através do entendimento sobre os conceitos de “alteridade” e “identidade”, como se dá a representação dos mouros na obra. Por meio de uma análise preliminar, é possível perceber que essa representação é eminentemente carregada de negativismo. Os mouros são retratados como os inimigos da pátria lusitana e da expansão da fé e do império. O povo lusitano, por sua vez, é mostrado como o mais probo e digno da proteção divina.

Palavras-chave:

Os Lusíadas; Alteridade; Identidade; Mouros, Expansão Marítima Portuguesa.

1. INTRODUÇÃO

O século XVI marcou, de forma intensa, o lançamento dos portugueses às grandes navegações. Esse contato com o “novo”, proporcionado pelas grandes empreitadas marítimas, trouxe à tona reflexões para o “velho continente”. Em questão, não estavam apenas as novidades materiais geradas com a exploração dessas águas e terras longínquas, mas também a proximidade com o “Outro”, traduzido em outros povos e culturas. Neste período, como registro das aventuras dos viajantes quinhentistas por “mares nunca de antes navegados”, ganham espaço as chamadas narrativas de viagem, sendo “Os Lusíadas”, de Luís Vaz de Camões, um de seus expoentes. Dividido em 10 cantos, que totalizam 8816 versos, o épico “Os Lusíadas” narra e vangloria a primeira viagem de Vasco da Gama à Índia e os feitos históricos portugueses.

O objetivo desta pesquisa é estabelecer uma reflexão sobre os conceitos de

1 UNIFAL/IFSULDEMINAS – danielcomunicador@gmail.com

2 UNIFAL - carlos.tadeu.siepierski@gmail.com



9ª Jornada Científica e Tecnológica do IFSULDEMINAS

6º Simpósio da Pós-Graduação

ISSN 2319-0124

“alteridade” e “identidade” dentro do épico camoniano, no sentido de detectar como os mouros são representados pelo poeta e se existem características da identidade portuguesa e do imaginário de Camões nessa representação. O trabalho justifica-se pelo fato de que é necessário ampliar a reflexão sobre essas questões, de modo a contribuir para a formação de professores e alunos que estudam este clássico da literatura mundial.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Os mouros permaneceram na península ibérica por quase oito séculos, de 711 até 1492. Segundo Alves (2011), “a formação da nação portuguesa sob o domínio mouro na Península terá, certamente, demarcado um sentido de inimizade e antagonismo em relação aos antigos invasores, na memória coletiva do povo português” (p. 136). A autora salienta que, principalmente a partir do início do processo conhecido como Reconquista da Península Ibérica, no século VIII, houve “uma demonização dos mouros, que assumiram uma carga simbólica de absoluto antagonismo nacional e, principalmente, religioso” (p. 138).

Para a compreensão do “olhar” de Camões sobre os mouros em “Os Lusíadas”, condiz o que Todorov nos traz a respeito dos conceitos de alteridade e identidade. Para Todorov (2006), “o eu não existe sem um tu. Não se pode chegar ao fundo de si excluindo os outros” (p. 238). O autor menciona ainda que este “outro” pode ser um grupo social dentro de uma sociedade ou uma outra sociedade. Quando se trata de uma outra sociedade, Todorov (1983) frisa que esta abrange “desconhecidos, estrangeiros cuja língua e costumes não compreendo, tão estrangeiros que chego a hesitar em reconhecer que pertencemos a uma mesma espécie” (p. 03-04).

3. MATERIAL E MÉTODOS

Por uma questão de delimitação do *corpus* da pesquisa, neste manuscrito será enfocada a alteridade presente em “Os Lusíadas” entre os portugueses e os mouros, debatida por autoras contemporâneas em seus trabalhos. Com o intuito de analisar o poema camoniano, levar-se-á em consideração, conforme exposto no item anterior, o entendimento sobre os conceitos de alteridade e identidade presentes em obras de Tzvetan Todorov.



4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Tamy de Macedo Pimenta (2014) afirma que, nos versos de “Os Lusíadas” sobre Moçambique e Mombaça, os portugueses criticam a cor (“Os de Fáetom queimados” – Lus., I, 49), a língua (“linguagem tão bárbara e enleada” – Lus., I, 62) e o caráter mauritano, pois os mouros dessas localidades eram tachados pelos lusos como maldosos e falsos. Em contrapartida, em Melinde, os portugueses foram pacificamente recepcionados, o que gera certa identificação deles para com os mouros nativos, revelada em expressões como “Gente mais verdadeira e mais humana, / Que toda a doutra terra atrás deixada” (Lus., II, 74). Para a autora, “é possível que os elogios que Gama faz ao Rei de Melinde também sejam elogios aos seus próprios valores lusitanos que ele percebe neste Rei” (PIMENTA, 2014, p. 13).

Para Amanda Azis Alexandre (2010), há referências sobre os mauritanos em todos os 10 cantos de “Os Lusíadas”, referências estas, em sua maioria, ofensivas, sendo a covardia e a falsidade apontadas como os principais vícios desses povos. Alexandre também apresenta que “no poema, o maometano é o inimigo que deve ser combatido e o Islã é a “Lei maldita” que deve ser extirpada da face da Terra” (p. 08). A pesquisadora elucida que, em “Os Lusíadas”, os mouros são enfocados como descendentes de uma escrava, Agar, portanto, de uma origem rotulada como “baixa, indigna e vergonhosa” (p. 33) e que o autor lusitano chama Maomé de “profeta falso” (Lus., VIII, 47).

Roberta Figueiredo Ferraz (2007) menciona que os mouros foram retratados em “Os Lusíadas” como “infiéis, povo vil, dissimulado, ardiloso, e tudo o de pior” (p. 137). Na opinião da autora, “não há espaço para a identidade do outro. O outro é o opositor, o inimigo (...)” da identidade portuguesa, ainda mais tendo Portugal “seu destino eleito por Cristo e por Cristo tornado missão” (p. 137-138): “se em Os lusíadas não há espaço para expectativa de encontro dialogal entre o “eu” português cristão e o “outro” indiano e africano, infiéis e idólatras, é porque lá a identidade portuguesa se faz construída sobre alicerces sobretudo cristãos, católicos” (p. 138).

5. CONCLUSÕES

Por meio de uma análise preliminar do clássico camoniano, é possível perceber que a



9ª Jornada Científica e Tecnológica do IFSULDEMINAS

6º Simpósio da Pós-Graduação

ISSN 2319-0124

representação do "Outro" mouro é carregada, na maior parte do poema, de negativismo. Os maometanos são elevados (ou mantidos) à categoria de inimigos da pátria lusitana e da expansão da fé e do império portugalense. Além de ser exaltado em suas glórias, o povo lusitano é mostrado como o mais probo e digno da proteção dos deuses, restando aos mouros "infieis" a subjugação como inferiores e falsos. O poema "Os Lusíadas", mesmo tendo seu autor a licença poética para se expressar a sua maneira, é capaz de mostrar as tensões religiosas e de poder do período em que foi produzido. À luz das ideias de Todorov, vale ressaltar ainda a forma como a alteridade contribui para reforçar a identidade do povo português. Ao falar do "Outro", seja no sentido de criticá-lo ou elogiá-lo, Camões, como se olhasse para um espelho, na verdade, refletia e enaltecia os valores religiosos, tradições e história de sua nação e de si mesmo.

REFERÊNCIAS

ALEXANDRE, Amanda Azis. **O "torpe Ismaelita Cavalleiro": um estudo sobre a presença dos mouros em Os Lusíadas**. 2010. 79f. Dissertação (Mestrado em Língua, Literatura e Cultura Árabe) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 2010. Disponível em: <goo.gl/k68ECH> Acesso em: 04 dez. 2016.

ALVES, Carla Carvalho. Representações do mouro em Portugal: ficções, lendas e história. **Via Atlântica**, n. 19, jun. 2011. Disponível em: <goo.gl/HGsJdv> Acesso em: 26 jun. 2017.

FERRAZ, Roberta Figueiredo. A viagem incompleta: destino e identidade em Os Lusíadas e Um Filme Falado. **Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura**, São Paulo, v. 09, n. 1, p. 135–141, 2007. Disponível em: <goo.gl/v4dnnK> Acesso em: 04 dez. 2016.

PIMENTA, Tamy de Macedo. **Da alteridade n'Os Lusíadas: um olhar hegeliano sobre o Outro no discurso identitário português**. 2014. 18f. Trabalho de Pós-graduação – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <goo.gl/UV1YTB> Acesso em: 02 dez. 2016.

TODOROV, Tzvetan. A descoberta da América. In: **A conquista da América: a questão do outro**. Trad. Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 1983. p. 3-17.

_____. A viagem e o seu relato. **Revista de Letras**. São Paulo, v. 46, n. 01, p.231-244, Jan.-Jun. 2006.